

Johrei em Performance: Uma Análise Etnográfica da Prática de Imposição de Mãos na Igreja Messiânica Mundial do Brasil.¹

Thiago Guedes²

Resumo: Este artigo oferece uma análise da prática religiosa de origem nipônica conhecida como Johrei, destacando sua ênfase na experiência corporal e na sua mediação através de um amuleto sagrado. A abordagem adotada é a da performance, visando compreender como o fundador da Igreja Messiânica Mundial estabeleceu a produção desse amuleto conhecido como o (Ohikari), capacitando assim a esta comunidade religiosa a ministrar o Johrei e proporcionar experiências místicas aos seus membros. O objetivo principal é examinar o papel dessa interação na prática religiosa, dando destaque aos elementos como materialidade e às narrativas que permeiam essa dinâmica.

Palavras-chave: Performance, Materialidade, Narrativa.

O Fundador .

A Igreja Messiânica Mundial é uma instituição religiosa fundada em 1º de janeiro de 1935, no Japão, por Mokichi Okada (1882-1955), cujo nome religioso é Meishu- Sama. O significado do nome em japonês segue a tradução de “Senhor da Luz”. Fundada no Japão no século XX, sendo uma de muitas, Novas Religiões Japonesas (NRJ). No Japão ela surge em meio ao militarismo decorrente do processo de modernização iniciado a partir da restauração Meiji 1868.

Segundo Tomita (2009) No início do período Meiji com o surgimento de religiões como a Konko-kyo, Tenrikyo e Oomoto e perdura até os dias atuais através das NRJ de origem xintoísta (SHIBA & YAMAORI, 1997, p. 23-33). A Igreja Messiânica Mundial (ou Sekai Kyusei Kyo, em japonês) como Sérgio Bath a chama de “seita neo-xintoísta” (1998, p. 24) tem forte influência da Oomoto religião da qual o fundador fez parte durante alguns e que também apresenta muitos elementos de inspiração cristã ou humanista além de revelações divinas por via mediúnica.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Bacharel em Ciências Sociais e Mestrando em Antropologia Social pela UFSC.

Em julho de 1920, Mokiti Okada, o visionário fundador da Messiânica, iniciou sua jornada nas palestras da religião Oomoto, imergindo-se em seus ensinamentos e tornando-se um membro ativo. Seu interesse primordial reside nos ideais de reconstrução do mundo e na percepção da toxicidade inerente aos medicamentos. A base espiritual da Oomoto, o sagrado Ofudesaki, desempenhou um papel crucial na formação de suas convicções, que posteriormente foram consolidadas em uma série de ensinamentos compilados em cinco volumes de uma obra considerada sagrada por seus seguidores, chamada de : "Alicerce do Paraíso".

De acordo com Fonseca (2018), impelido pelo desejo de aliviar o sofrimento humano, Okada desenvolveu ao longo de sua vida aquilo que ele acreditava ser os três pilares de salvação, os quais foram reconhecidos dentro de sua filosofia religiosa como as Colunas de Salvação da Igreja Messiânica. A Primeira Coluna aborda a prática e a constante recepção do que se reconhece como transmissão da energia espiritual , “Luz Divina” o (Johrei). A Segunda Coluna refere-se à Agricultura Natural, promovendo a produção e o consumo de alimentos livres de agrotóxicos. e Por fim, a Terceira Coluna, conhecida como a Coluna do Belo, advoga a apreciação e a criação de obras artísticas como uma via para a elevação espiritual, destacando-se a arte do Ikebana Sanguetsu, o arranjo floral como principal expressão dessa busca pela beleza transcendental.

Transe e Revelação Divina.

De acordo com a biografia de Mokiti Okada no livro "Luz do Oriente, Vol. 1", o fundador da Igreja Messiânica Mundial mergulhou em um estudo profundo nos livros da Omoto, especialmente o “Ofudesaki”, no Japão. Em um momento crucial, em 25 de dezembro de 1926, Okada entrou em um estado de transe profundo, no qual ele afirma ter recebido uma Revelação Divina. A partir desse evento transcendental, a biografia sugere que Kannon - a entidade divina que pode ser equiparada a Deus neste contexto - começou a manifestar-se através do próprio corpo do fundador (Fonseca, 2018).

Foram revelações misteriosas, o primeiro indício de que Deus começara a atuar sobre ele [fundador] diretamente. Naquele momento, Deus atuou sobre o nome de Kannon. Embora, no Budismo, Kannon ³apresente formas diversas, em verdade, ele representa o próprio Deus. O fundador ficou sabendo que Kannon, usando seu corpo, iria executar a grande obra de salvação da humanidade. (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, *Luz do Oriente*, vol. 1, 2007, p. 260).

³ No japonês, o termo Kannon é utilizado para se referir a Kanzeon Bosatsu, conhecido também como bodhisattva Avalokiteshvara: aquele que, no Budismo Mahayana, tem condição de alcançar o nirvana e se transformar em Buda, porém, não o faz até que todos os seres sencientes tenham se libertado do sofrimento. (FONSECA, 2018, p. 74).

Após o transe em 1926, através da possessão por divindade, o fundador afirma que Deus começa a se manifestar através do seu corpo, expressando-se por meio de suas ações e palavras. Em um dos seus ensinamentos, ele descreve: “Há uma Bola de Luz em meu ventre. Ela é o Espírito de DEUS, de modo que Ele mesmo maneje livremente meus atos, minhas palavras, tudo”. (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, Luz do Oriente, vol. 1, 2007, p. 112). Essa união entre o espírito humano do fundador e o espírito de Deus (possessão por divindade), alcançada através do transe, foi nomeada pelo próprio fundador como Kenshinjitsu.⁴ Esta iluminação suprema marca uma das primeiras experiências espirituais e misteriosas do fundador, onde uma energia divina, assumindo a forma de uma bola de luz, reside em seu ventre, transformando-o em uma divindade.

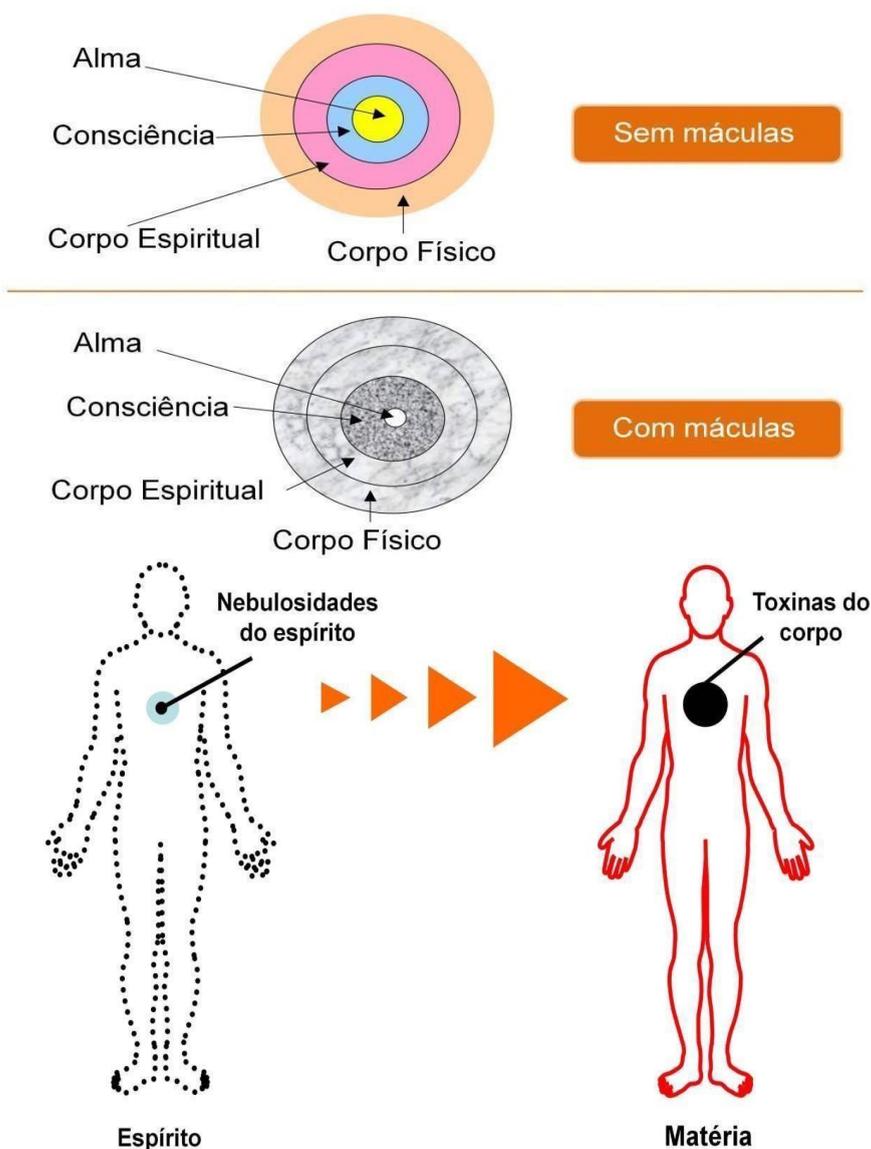
O Espírito precede a Matéria e o Processo de Purificação.

Antes de aprofundar na prática conhecida como Johrei, é importante compreender a cosmovisão de seu fundador, Mokichi Okada. Ele enfatiza, em seus ensinamentos no livro "Alicerce do Paraíso, Vol. 1", que a energia espiritual do Johrei segue uma lei espiritual que ele chama de causa e efeito. Para Okada, as doenças e adversidades têm causas específicas e não surgem por acaso. Identificar e eliminar essas causas através da prática do johrei leva a um maior bem-estar e felicidade. Segundo Okada, todo sofrimento tem uma função purificadora. Ele sugere compreender a doença como um processo de limpeza do corpo humano.

Durante a vida, o corpo acumula impurezas e toxinas, externas e internas. Enquanto algumas são eliminadas por ações físicas e processos fisiológicos, outras permanecem enraizadas e difíceis de serem expelidas. Essas impurezas, ou toxinas, podem ser vistas espiritualmente como uma espécie de sombra que se forma no âmago do corpo material, ou seja, no corpo espiritual do ser humano, o qual o fundador Mokichi Okada se refere a essas impurezas como 'máculas'.

⁴ O estado de Kenshinjitsu se assemelha ou pode se tratar da mesma iluminação alcançada por Sakyamuni e Nichiren e, por conseguinte, é possível concluir que parte do conceito fora construído a partir de referenciais oriundos do Budismo Mahayana. No entanto, esse não se encerra neste pensamento: no Xintoísmo, existe a crença popular em ikigami que seriam kami vivos e, com o mesmo sentido, existem keshin – emanações de Buda. Desse modo, o estado de Kenshinjitsu contém referenciais tanto Xintoístas como Budistas, pois Deus – cuja concepção é construída a partir da ideia de Kannon – à medida que teria se assentado no corpo do fundador, transformou-o em um ikigami e simultaneamente em um tipo particular de buda. (FONSECA, 2018, p. 78)

Quando essas máculas atingem um certo nível de densidade, inicia-se automaticamente um processo de eliminação. Esse processo, por sua vez, manifesta-se no corpo material, muitas vezes resultando em sintomas físicos temporários, comumente conhecidos como sintomas de mal-estar através de doenças ou também através de infortúnios da vida, como problemas financeiros ou conflitos, todos esses problemas são lidos pelos messiânicos como processos de “Purificação”. Okada define o Johrei como um ato purificador empregado pela igreja messiânica, o qual, através da imposição da mão, projeta a Luz de Deus diretamente na alma, despertando-a instantaneamente. Em japonês, a palavra Johrei é constituída de dois ideogramas: 浄(Joh), que significa “purificação”, e 霊(rei), que significa “espírito”. Portanto, literalmente, Johrei significa “purificação do espírito”



Do Tinkon kishin-ho ao Johrei.

Segundo Fonseca (2018), Mokiti Okada ou como é reconhecido através de seu nome religioso (Meishu-Sama), teve seu primeiro contato com a religião Omoto na década de 1920. Já em 1926, começou a praticar o tinkon, um método terapêutico estabelecido pela Omoto, que ao longo do tempo passou por uma série de reformulações até se transformar no Johrei. Okada adotou posteriormente o tinkon kishin-ho, uma técnica originária do Xintoísmo antigo e muito similar às práticas do Zen-Budismo, que foi incorporada à religião. esse método consistia em :

Serenar a alma, excluindo os próprios sentimentos, e tornar-se uno com Deus. Para isso, a pessoa se senta sobre as pernas dobradas, com as mãos cruzadas e os olhos cerrados, e planeja o engendramento da própria espiritualidade, tendo por objetivo a união com Deus. Considera-se que, repetindo essa prática, a pessoa recebe poderes divinos, através dos quais lhe é possível curar doenças” (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2009, p. 261).

Imagine uma pessoa sentada em uma posição tranquila e relaxada, com as pernas dobradas em um estilo de meditação conhecido como "seiza" (joelhos no chão, com os pés por baixo das nádegas), ou talvez em uma posição de lótus (pernas cruzadas), se for mais confortável. As mãos estão cruzadas no colo ou apoiadas sobre os joelhos, em uma posição de contemplação. Os olhos estão fechados, indicando um estado de concentração e interiorização. Enquanto a pessoa se encontra nessa postura, ela está se concentrando em acalmar sua mente e afastar seus próprios pensamentos e sentimentos. O objetivo é alcançar um estado de união com Deus através de uma meditação, buscando uma conexão espiritual mais profunda. Ao repetir essa prática regularmente, os membros da Omoto acreditam que estão se abrindo para receber poderes divinos, e que podem manifestar através dela a cura de doenças, tanto em si mesma quanto em outros.

A Biografia sobre Mokiti Okada (Meishu- Sama) não apresenta muitos detalhes do que viria ser a prática do Tinkon kishin-ho na religião Oomoto “se era majoritariamente praticado como uma forma de meditação ou em que momento o praticante era considerado apto para realizar a técnica de cura” (Fonseca, 2018, p. 80). Já o Johrei é uma técnica que no decorrer da história foi mudando e se adaptando por questões políticas do japão e do fundador .

O Leque: Miteshiro.

No Livro Luz do Oriente Vol.1, consta em alguns relatos que o *tinkon* era aplicado com o uso de um leque conhecido como *miteshiro* que era um termo utilizado para se referir a algo que substituiria a mão. Sentindo-se satisfeito com o resultado de suas aplicações, o fundador passou a distribuir alguns miteshiro a seus seguidores mais próximos a fim de que também pudessem realizar o tinkon, tal como ele aplicava. Nos leques, havia os seguintes dizeres, registrados em caligrafias: “Este leque purifica / E salva todos os espíritos”; “Este leque purifica/ O corpo espiritual de todas as coisas”; “Este leque branco purifica/ O corpo e o espírito”. (FONSECA, 2018, p. 80).



Miteshiro caligrafado pelo fundador

(Fonte: Fonseca 2018)

Após bons resultados alcançados em janeiro de 1930 pelo uso do leque, onde milagres misteriosos, ocorriam, Mokiti Okada passou a desenhar imagens da divindade búdica Kannon e entregar a seus seguidores, além disso, ele começou a produzir o *Ohineri* que eram caligrafias suas que eram utilizadas como amuletos de proteção após dobrada. Levando em consideração uma sequência temporal para se compreender a evolução da prática. Entre 1926 a 1931, o fundador passou por um período de afloramento das experiências de transcendência, culminando na Revelação Divina em junho de 1931. Esse período foi marcado por transe e uma efervescência espiritual. Após a Revelação Divina, o fundador tomou a decisão de estudar a técnica do *tinkon* a fundo e começou a aplicá-la inicialmente em familiares e, posteriormente, em pessoas enfermas. Aqui o que é interessante notar é a introdução de elementos pessoais, na prática do *tinkon* nesse momento, indicando personalização da técnica. É importante destacar que a mudança do nome do tratamento pode ser considerada uma ruptura pessoal em relação à Omoto: desde que passou a se dedicar ao tinkon, restava-lhe pouco tempo para se dedicar às atividades de divulgação da religião. Diversos conflitos entre os dirigentes e o fundador são

narrados de modo detalhado no Primeiro volume da biografia Luz do Oriente, no entanto, apesar da abertura do Ojin-do ser datada de maio de 1934, o desligamento definitivo em relação à Omoto ocorreu apenas em setembro daquele ano – cerca de quatro meses depois. (FONSECA, 2018, p. 82).

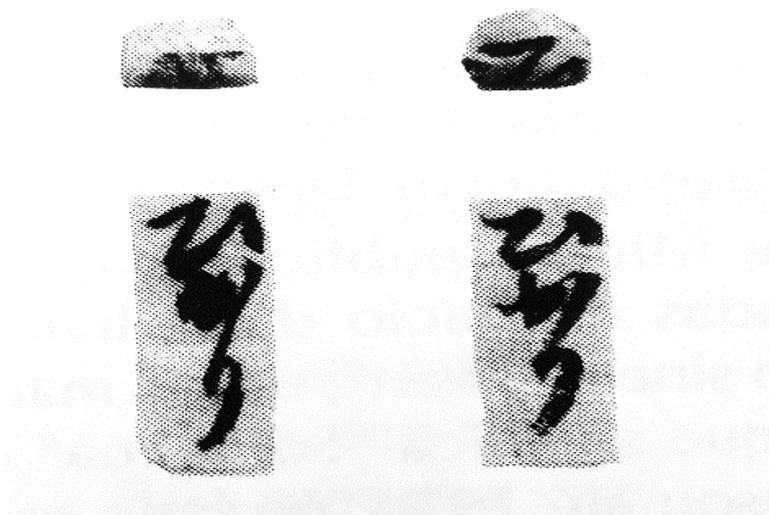


KANNON, pintado pelo Fundador em 1934

Segundo Okada a sua nova forma de aplicar o Tinkon consistia em:

Começava com a entoação da Oração Amatsu Norito; em seguida, depois de uma reverência com as mãos unidas, pressionava-se a região enferma com os dedos, passava-se nela a palma da mão e, por fim, soprava-se o local. Um pouco mais adiante, por volta de 1932, estendia-se a palma da mão em direção à pessoa e entoava-se em silêncio, três vezes, a oração da contagem dos números sagrados. Outra forma consistia em escrever no ar, com o próprio dedo, a certa distância da pessoa “Que esse interior seja purificado”, e outras palavras do gênero:

Às vezes, utilizava-se paralelamente, o poder do Espírito da Palavra. Por exemplo: no caso de uma pessoa com dor de cabeça, falava-se “Dor de cabeça, deixe esta criatura”, e dava-se um sopro. Além destes, empregava-se também o seguinte método: após se fazer a prece com as mãos unidas, levantava-se a mão em direção da pessoa e, ao mesmo tempo, dava-se um sopro, que era a materialização da ação do Deus da Purificação(FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2009, p. 321)



Ohineri: Na parte de baixo, seu aspecto antes de ser dobrado

(Fonte: Fonseca 2018).

O desenvolvimento da técnica do tinkon até se transformar no que se entende por johrei passa por várias etapas de transformação, desde a mudança dos nomes, as formas materiais e estilos de aplicá-la, para melhor exemplificar farei uma breve apresentação :

Experiências Iniciais e Revelação Divina (1926-1931): Entre 1926 e 1931, o fundador experimentou os primeiros transes e teve experiências de transcendência. Em junho de 1931, ele recebeu a Revelação Divina, um marco crucial que influenciou sua jornada espiritual.

Personalização da Técnica (1931-1934): Durante esse período, o fundador começou a inserir elementos pessoais na técnica do tinkon. Essa personalização indicou uma adaptação da técnica original, possivelmente influenciada pelas experiências espirituais do fundador.

Renomeação para Tratamento Espiritual de Digitopuntura no Estilo Okada: A técnica foi renomeada como "Tratamento Espiritual de Digitopuntura no Estilo Okada". O nome sugere uma fusão entre a digitopuntura (técnica de pressionar pontos específicos do corpo) e os elementos espirituais incorporados pelo fundador.

Criação do Omamori: O fundador Mokiti Okada decidiu expandir a prática criando o Omamori, um pequeno pedaço de papel. No Omamori, ele caligrafou as palavras "Poder Kannon de Tratamento" ou "Poder Kannon de Cura".

Conteúdo do Omamori e Amuleto Protetor (Ohineri): O primeiro amuleto protetor, chamado Ohineri, tinha a palavra "Luz" escrita pelo fundador. O novo amuleto continha as palavras "Luz Intensa" e a imagem do Kannon de Mil Braços. Era usado pendurado ao pescoço e não permitia a ministração de Johrei, mas segundo a crença banhava a pessoa pela Luz de Kannon e pela espiritualidade do fundador.

Amuleto para Ministração de Johrei:

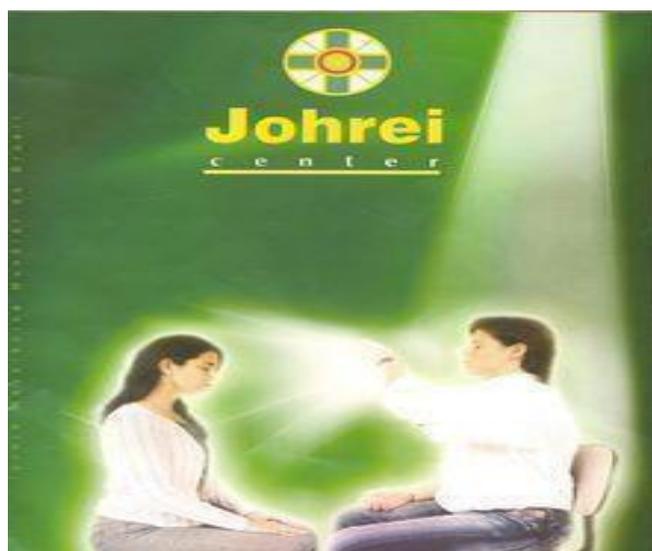
Um segundo amuleto permitia a ministração de Johrei a terceiros. Esse amuleto continha as palavras "Poder Kannon de Tratamento" ou "Poder Kannon de Curar Doenças" escritas em sentido vertical. Normalmente, ele era guardado em uma caixa e, durante a ministração de Johrei, era pendurado ao pescoço.

O Ohikari: Atualmente a igreja messiânica mundial outorga o Ohikari (Medalha da luz divina) essa medalha de aço inox é revestida com o símbolo da igreja e dentro dela a uma caligrafia do fundador, onde está o ideograma japonês *hikari* (Luz) os messiânicos acreditam que esta caligrafia do fundador os conecta com a sua energia divina e através dela se tem a permissão de transmitir o Johrei.



(Medalha Ohikari: Fonte Própria)

A prática básica do Johrei segue um procedimento específico: quem possui o ohikari é responsável por ministrar o Johrei. A pessoa inicia serenando o espírito em estado meditativo, sentando-se de frente para o receptor do Johrei. Após pedir permissão a Deus e ao fundador que criou o método, realiza uma pequena reverência unindo as palmas das mãos. Em seguida, impõe as mãos sobre a outra pessoa. A ministração se divide em três etapas: primeiro, três minutos na parte da frente do corpo, que simboliza a cura da matéria; depois, nove minutos nas costas da pessoa, representando a cura espiritual; e finaliza na parte da frente do corpo novamente, agradecendo pela permissão de ser um canal da luz divina, por mais três minutos. Essa prática completa de Johrei totaliza quinze minutos.



Prática do johrei ilustrada pela revista “Izunome” da igreja Messiânica.

Segundo Ingold (2012, p. 27), nosso mundo é composto não apenas por objetos, mas por "coisas". Refletindo a partir da prática religiosa do *Johrei*, que materializa o sagrado através do amuleto, o *Ohikari* (Medalha da Luz Divina), proponho aqui entender o *Ohikari* não como um mero objeto, mas como uma "coisa". Minha análise busca questionar como a religião messiânica se manifesta nos materiais utilizados, destacando as propriedades desses materiais envolvidos nesse processo de mediação religiosa.

Analisar a Igreja Messiânica como uma "coisa", seguindo o pensamento de Tim Ingold, implica trazê-la de volta à vida. Segundo o autor, a vida é uma característica presente em todas as coisas, cuja essência reside na porosidade de suas superfícies (FONSECA, 2018, p. 26). Quando observamos o *Ohikari* meramente como um objeto fora do contexto da prática religiosa messiânica, ele pode parecer uma simples medalha. No entanto, é importante destacar que, durante o processo de criação, técnica e manipulação desse objeto ao longo do desenvolvimento de seu uso, ele se transforma em uma "coisa". A "coisa", por sua vez, é um "acontecer", um espaço onde diversos eventos se entrelaçam. Observar uma coisa não significa estar do lado de fora, mas ser convidado a participar dessa reunião. Como colocou Heidegger de forma enigmática, participamos na "coisificação" da coisa em um mundo que mundifica. (INGOLD, 2012, p. 29).

Pensar na “coisificação da coisa” aqui se torna um instrumento para refletir que a participação nesta prática religiosa é uma forma de inserir no mundo uma mundificação. Esta abordagem nos auxilia a compreender que a religião não apenas se manifesta nos materiais, mas também na experiência e na participação ativa dos indivíduos. Ao explorar o processo de evolução do tinkon até se tornar o johrei, voltei-me para observar os processos criativos do fundador e a manipulação de objetos sagrados, identificando que as "coisas" possuem vida e, como resultado, estão em constante devir, vazando e se interpenetrando. Elas não são entidades estáticas, mas fluidas, em constante interação umas com as outras. Compreendo que não há materiais que sejam formas acabadas, pois eles estão em contínua evolução. As coisas estão em constante fluxo.

Com isto procurei ilustrar a jornada do fundador através de seus materiais em evolução, desde as caligrafias em pedaços de papel até o uso do leque e a fabricação dos amuletos, culminando na criação da medalha Ohikari. Para Ingold (2015) às coisas vazam e se interpenetram porque possuem vida, por isso ele argumenta que é preciso pensar as propriedades dos materiais, uma vez que estes têm características muito distintas – cores, cheiros, texturas - e essas particularidades que lhes são concernentes estão em constante devir:

As coisas estão vivas, como já notei, porque elas vazam. A vida no ASO não é contida; ela é inerente às próprias circulações de materiais que continuamente dão origem à forma das coisas, ainda que elas anunciem sua dissolução. É através de sua imersão nessas circulações, portanto, que as coisas são trazidas à vida. (INGOLD, 2012, p. 32).

Neste trecho, Ingold nos sugere uma dinâmica na qual a vida não está restrita ou contida dentro de objetos, mas, em vez disso, ela flui através deles. A vida é algo que está entrelaçado com os processos materiais e circulações que vão moldando as formas das coisas. Mesmo que essas coisas possam anunciar sua dissolução ou transformação, a vitalidade se encontra presente na própria dinâmica do fluxo de materiais. Quando Ingold usa o exemplo do experimento da pipa com seus alunos, ele esclarece melhor essa dinâmica: “A pipa que repousava sem vida sobre a mesa dentro da sala tinha se transformado numa pipa-no-ar. Não era mais um objeto – se é que jamais o foi – mas uma coisa. Assim como a coisa existe na sua coisificação, a pipa-no-ar existe no seu voo” (INGOLD, 2012, p. 33).

Na prática do Johrei, entendo que o que possibilita sua existência não é apenas a criação do amuleto, mas um emaranhado de relações que ele constrói a partir do momento em que o fundador dá vida a ele. É através do fluxo do processo desse material e da sua circulação que sua forma é moldada, enfatizando uma compreensão mais dinâmica e fluida da vida no contexto das circulações materiais, pois a vida está intrinsecamente ligada aos processos e interações materiais.

Pensar o Johrei como uma prática performativa nos leva a caminhos semelhantes aos que os praticantes percorrem em busca de sua própria purificação espiritual. Minha experiência etnográfica abriu a possibilidade de entender que essa prática não se limita apenas ao ritual que ocorre dentro dos templos messiânicos, mas que ela atravessa as relações cotidianas. O que se faz presente em minha proposta é tentar me distanciar da ideia de que o Johrei se resume a um ritual religioso específico, e compreendê-lo como uma prática totalmente incorporada ao cotidiano. Isso implica que a ação e os pensamentos relacionados ao Johrei estão presentes em diversas situações da vida, como numa performance “onde a ação e o pensamento humanos, social e psicologicamente, consciente e inconscientemente, adentram, participam e continuamente recriam um mundo-da-vida social” (SCHIEFFELIN, 2018, p. 209).

Nesse contexto, o Johrei tem uma participação ativa na construção do mundo social vivido pelos praticantes, onde a experiência com o corpo vai além de uma ação meramente ritualística, envolvendo aspectos psicológicos e sociais na construção do seu significado. Muitas narrativas que presenciei em campo, principalmente aquelas em que os praticantes relatavam milagres que receberam com o Johrei, seja de cura de doenças físicas, mentais ou até uma mudança total da sua vida financeira, me instigavam. Nas trajetórias dos praticantes, observava-se que eles sempre possuíam experiências que seguiam uma orientação lógica de fatos e que, de alguma maneira, eram orientadas por uma prática específica, quase como uma receita mágica que orienta o outro a também alcançar o milagre.

Narrar e compartilhar o milagre na Igreja Messiânica é uma prática institucionalizada pela religião e, no cotidiano da prática, é algo fortemente encorajado pelos membros, missionários, sacerdotes e por aqueles responsáveis pelo setor de experiência de fé nas unidades religiosas. Cada experiência de fé pode eventualmente se tornar significativa o suficiente para ser compartilhada nos canais oficiais da igreja. Isso se torna evidente ao analisarmos como os cultos são conduzidos nos templos da Igreja Messiânica. Seja durante os cultos mais importantes do ano ou nas cerimônias simples realizadas diariamente, todos exigem um momento dedicado à experiência de fé. Cada culto é estruturado em três partes essenciais: a oração, a leitura de ensinamentos do fundador e a experiência de fé.

Nos cultos mensais de agradecimento, que ocorrem todo segundo sábado do mês nas Igrejas e Johrei Centers, o momento da performance narrativa do membro que relata a experiência de fé é o mais aguardado pela audiência dos membros. Ali, diante do altar, de maneira dramática e emocionada, são representados os resultados milagrosos do Johrei como uma espécie de testemunho para membros e frequentadores. As trajetórias e as experiências cotidianas com o Johrei servem como uma forma de orientar e apresentar a eficácia dessa prática.

Segundo Cardoso e Head (2013), “A vida social é então marcada por enquadramentos manipulados pelos ‘atores’ do/no cotidiano – mesmo se tais enquadramentos também acabam manipulando as ações em jogo.” Isso sugere que a vida social é caracterizada por "enquadramentos" ou estruturas interpretativas que são construídas e manipuladas pelos indivíduos no cotidiano. Esses enquadramentos são formas pelas quais as pessoas dão sentido às suas interações e experiências sociais. Os "atores" sociais são aqueles que participam ativamente na criação e na aplicação desses enquadramentos, e eles também têm o poder de influenciar e moldar as ações das pessoas que estão envolvidas nesses contextos sociais.

Compreender a performance narrativa do Johrei através das experiências de fé (testemunhos) que são relatados para uma audiência, me faz sugerir que a vida social é construída por meio de interações que moldam e são moldadas pelos indivíduos. “Essa performance, ou melhor, esta encenação cotidiana, se constitui em um processo pragmático de negociações (avaliações, contextos, adequações, etc.) guiado por intencionalidades acerca da representação do eu” (Cardoso & Head, 2013, p. 262). Nas experiências espirituais, os praticantes do Johrei estão envolvidos em uma "performance" ou "encenação cotidiana" que envolve rituais, gestos e interações específicas dentro do contexto religioso. Essa encenação não é apenas um ato superficial, mas um processo pragmático de negociações constantes.

Os membros negociam não apenas com suas próprias intenções e necessidades espirituais, mas também com as expectativas e ensinamentos da religião. Cada sessão de Johrei é guiada por uma intencionalidade profunda em relação à representação do eu espiritual e à busca por uma purificação espiritual, harmonia interior e cura. Durante essas práticas, há uma constante avaliação do contexto espiritual e físico, ajustando-se conforme as necessidades percebidas e as orientações dos sacerdotes e líderes religiosos. As experiências de fé com o Johrei envolvem uma negociação contínua entre a representação pessoal do eu espiritual e as expectativas sociais e religiosas. É importante destacar que esses testemunhos são submetidos também a uma reformulação institucional, onde são selecionados períodos específicos, práticas e situações particulares. Isto sempre ocorre após uma pessoa acreditar ter recebido um milagre através do Johrei e sentir a necessidade de compartilhar essa experiência. Ela então expõe esses relatos que serão moldados pela instituição e, logo depois, passarão por uma aprovação do responsável da unidade junto ao setor de experiência de fé; só então esses relatos serão compartilhados com a comunidade religiosa.

Conforme observado por Maluf (1999, p.), "Falar de si, de suas experiências pessoais singulares e íntimas em uma esfera coletiva constitui, com efeito, um aspecto essencial da afirmação de si e da demarcação simbólica de uma identidade individual e coletiva." Neste contexto, a performance se desenvolve não apenas através da representação de papéis e da manipulação de enquadramentos, mas também por meio de uma constante negociação entre a experiência pessoal e as expectativas da comunidade religiosa. Suas representações sociais formam uma "encenação cotidiana" que é essencialmente pragmática. Esse processo envolve considerações práticas, avaliações de situações e ajustes para alcançar objetivos sociais específicos, como nos testemunhos ou, como os messiânicos preferem chamar, nas "experiências de fé" que ocorrem dentro e fora da igreja. O objetivo dessas experiências é não apenas testemunhar os benefícios da prática, mas também persuadir mais pessoas de sua eficácia e, como consequência, atrair novos adeptos para a religião.

Como já havia relatado anteriormente, dentro dos cultos messiânicos existe sempre um momento destacado para se relatar a experiência espiritual com o Johrei. Este ato de narrar a experiência compreendo como uma performance, e aqui uso performance no sentido de "um momento destacado, diferenciado, extraordinário, e que sua compreensão está implicada na participação de uma comunidade narrativa que compartilha um imaginário construído através desse mesmo narrar" (Cardoso, 2013).

Relatar o milagre pode ser visto como um momento destacado, diferenciado e extraordinário. A

sua compreensão não se dá de maneira isolada, mas sim através da participação em uma comunidade narrativa que compartilha um imaginário construído através dessas experiências. Ao relatar um milagre durante um culto, o praticante não apenas revive um evento extraordinário que experimentou, mas também reforça a identidade coletiva da comunidade religiosa.

Considerações Finais

Segundo Dawsey (2005), "A antropologia da performance, na visão de Turner, articula-se a uma antropologia da experiência. Trata-se não apenas de pensar a performance enquanto expressão, mas também de pensar a expressão enquanto momento de um processo, ou melhor, de uma experiência. A experiência através da prática do Johrei aqui sugiro interpretá-la como 'uma prática de mediação que materializa o sagrado através do uso de múltiplos materiais, por conseguinte, esses não são secundários, mas parte constitutiva da religião' (Fonseca, 2018, p. 10). Isso revela uma chave para pensar a experiência como um processo criativo e marcante da qual no espelho mágico dos rituais, caos transforma-se em cosmos, tornando possível a recriação de universos sociais e simbólicos plenos de sentido" (Dawsey; Turner, 2010, p. 351).

Dawsey (2010, p. 352) sugere que o campo da experiência é um lugar onde "imagens do passado articulam-se ao presente" de maneira similar a uma relação musical, possibilitando a criação de significado. Este trabalho me permitiu observar uma nova dimensão em meu campo etnográfico, que me ajudou a compreender a centralidade do Johrei na vida dos meus interlocutores e como ele se revela como uma prática cotidiana que oferece experiências extraordinárias (místicas) significativas, as quais precisam ser relatadas para demonstrar seus efeitos transformadores. Essas narrativas não apenas validam a prática espiritual, mas também têm o potencial de atrair novos praticantes ao compartilhar os benefícios e os milagres experimentados.

Silva (2013) argumenta que, nessas narrativas, os membros que são autores utilizam o discurso religioso para explicitar apenas o que eles próprios, ou o meio que os publica, consideram pertinente. As experiências de fé com o Johrei estão intrinsecamente conectadas à trajetória de cada praticante, que apresenta uma diversidade significativa de perfis socioculturais, resultando em experiências individuais variadas da prática. Nos relatos, é notável a presença de uma sequência específica de eventos situacionais e temporais. Além disso, destaca-se que, apesar da influência institucional, essas narrativas são construídas por indivíduos que compartilham suas próprias vivências, enfatizando uma dimensão subjetiva na formação dessas histórias religiosas.

Referências.

Cardoso, Vânia Z., and Scott C. Head. "Encenações da descrença: a performance dos espíritos e a presentificação do real." *Revista de Antropologia* (2013): 257-289.

Dawsey, John C. "O teatro dos " bóias-frias": repensando a antropologia da performance." *Horizontes Antropológicos* 11 (2005): 15-34.

Dawsey, John C. "Por uma antropologia benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático." *Mana* 15 (2009): 349-376.

Da Fonseca, Hellen. *Imagens, Flores e alface: A Igreja Messiânica e suas coisas*. Diss. [sn], 2018.
FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, Luz do Oriente, vol. I, 2009

Ingold, Tim. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais." *Horizontes antropológicos* 18 (2012): 25-44.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes antropológicos*, v. 5, p. 69-82, 1999.

Schieffelin, Edward L. "Problematizing performance." *Ritual and Religious Belief*.
Routledge, 2017. 124-138.

Silva, Elisangela Marina de Freitas. "Família e prosperidade no discurso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil: as experiências de fé na Revista Izunome (2007-2011)." (2013).

Tomita, Andréa Gomes Santiago. "Recomposições identitárias na integração religiosa e cultural da Igreja Messiânica no Brasil." (2009).